



ANAIS



III CEPIAL

CONGRESSO DE CULTURA
E EDUCAÇÃO PARA A INTEGRAÇÃO
DA AMÉRICA LATINA

Semeando Novos Rumos

www.cepial.org.br
15 a 20 de julho de 2012
Curitiba - Brasil



ANAIS



III CEPIAL

CONGRESSO DE CULTURA
E EDUCAÇÃO PARA A INTEGRAÇÃO
DA AMÉRICA LATINA

Semeando Novos Rumos

Eixos Temáticos:

1. INTEGRAÇÃO DAS SOCIEDADES NA AMÉRICA LATINA
2. EDUCAÇÃO PARA O DESENVOLVIMENTO LATINO-AMERICANO:
SUAS MÚLTIPLAS FACES
3. PARTICIPAÇÃO: DIREITOS HUMANOS, POLÍTICA E CIDADANIA
4. CULTURA E IDENTIDADE NA AMÉRICA LATINA
5. MEIO-AMBIENTE: QUALIDADE, CONDIÇÕES E SITUAÇÕES DE VIDA
6. CIÊNCIA E TECNOLOGIA: PRODUÇÃO, DIFUSÃO E APROPRIAÇÃO
7. POLÍTICAS PÚBLICAS PARA O DESENVOLVIMENTO SOCIAL
8. MIGRAÇÕES NO CONTEXTO ATUAL: DA AUSÊNCIA DE POLÍTICAS
ÀS REAIS NECESSIDADES DOS MIGRANTES
9. MÍDIA, NOVAS TECNOLOGIAS E COMUNICAÇÃO

www.cepial.org.br
15 a 20 de julho 2012
Curitiba - Brasil

ANAIIS



III CEPIAL

CONGRESSO DE CULTURA
E EDUCAÇÃO PARA INTEGRAÇÃO
DA AMÉRICA LATINA

Semeando Novos Rumos

Eixo 4

“CULTURA E IDENTIDADE NA AMÉRICA LATINA”

www.cepial.org.br
15 a 20 de julho de 2012
Curitiba - Brasil

4. CULTURA E IDENTIDADE NA AMÉRICA LATINA

MR4.1. Sociedade e Cultura de Fronteira

EMENTA

Esta mesa propõe-se a discutir fronteiras no Prata, contemplando diferentes temporalidades e espacialidades com enfoques voltados aos guaranis, às missões jesuíticas, aos migrantes dos séculos XIX e XX e às ideologias nacionalistas e de integração. Poderão ser trazidos ao debate estudos e reflexões que apontam para relações sociais transfronteiras, para vivências à margem das intencionalidades oficiais e de discursos hegemônicos. A composição da mesa proposta atentou para a inserção interinstitucional, para a interdisciplinaridade e vínculos com programas de pós-graduação que trabalham com fronteiras.

Coordenador: Valdir Gregory – Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE - BRASIL)
Carmen Curbelo: Universidad de la Republica Uruguay - (UDELAR - URUGUAY)
Ernelo Schallenger – Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE – BRASIL)
Jones Dari Goeter: Universidade Federal da Grande Dourados - (UFGD - BRASIL)
Ricardo Carlos Abinzano: Universidad Autónoma de Misiones – (ARGENTINA)

RESUMOS APROVADOS

PATRIMÔNIO CULTURAL IMATERIAL LATINO-AMERICANO: O TRADICIONALISMO E A IDENTIDADE GAÚCHA (autor(es/as): Ana Carolina Rios Gomes)

O RAP ENTRE FRONTEIRAS: PRÁTICAS ESTÉTICO-MUSICAIS LATINO AMERICANAS (autor(es/as): Angela Maria de Souza)
REMANESCENTES DAS REDUÇÕES JESUÍTICAS DE NOSSA SENHORA LORETO E SANTO INÁCIO MINI NA PROVÍNCIA DO GUAIARÁ-1608-1639 (autor(es/as): BERENICE SCHELBAUER DO PRADO)

O CIRCUITO ROCKEIRO NA TRÍPLICE FRONTEIRA (autor(es/as): Franciele Cristina Neves)

A SOCIEDADE DE CONSUMO: ANÁLISES NA FRONTEIRA ENTRE BRASIL E PARAGUAI (autor(es/as): Luana Caroline Künast Polon)

Cortando a cerca: uma escola do campo frente a multiculturalidade contemporânea (autor(es/as): Lydia Maria Assis Brasil Valentini)

Movimento Hip-Hop como manifestação cultural: Uma análise do léxico de letras de rap em Foz do Iguaçu. (autor(es/as): RONALDO SILVA)

INTEGRALIZAÇÃO LATINOAMERICANA: AFIRMAÇÃO CULTURAL OU JOGADA IMPERIALISTA? (autor(es/as): Victor Alves Pereira)

Sankofá- Abaetê: Construindo diretrizes, resgatando nossas raízes (autor(es/as): Vilisa Rudenco Gomes)

SAÚDE SEM FRONTEIRAS - REDE BINACIONAL DE SAÚDE NA FRONTEIRA BRASIL-URUGUAI (autor(es/as): Daniela da Rosa Curcio et alii.)

MR4.2. Apropriação, Usos do Território e Práticas Sociais Diferenciadas

EMENTA

Os trabalhos da presente mesa circunscrevem-se às pesquisas que vêm sendo desenvolvidas pelos participantes, que têm como referência diferentes sujeitos (quebradeiras de coco babaçu, quilombolas, ribeirinhos e trabalhadores rurais dentre outros) e práticas sociais, em distintos contextos. Os trabalhos explicitam diversos aspectos da problemática relativa à organização, apropriação e uso do território. O fio condutor das reflexões está referido às diferentes formas e estratégias utilizadas por esses sujeitos face às definições e redefinições recentes do território.

Coordenador: Joaquim Shiraishi Neto: Universidade estadual do Amazonas - (UEA - BRASIL)
Luís Fernando Cardoso e Cardoso: Universidade Federal do Pará - (UFPA - BRASIL)
Rosirene Martins Lima: Universidade estadual do Maranhão - (UEMA - BRASIL)
Ana Paulina Aguiar Soares: Universidade estadual do Amazonas – (UEA - BRASIL)

MEMÓRIAS DA GUERRA DO CONTESTADO- A CULTURA POPULAR ATRAVÉS DA RELIGIOSIDADE NO MONGE JOÃO MARIA DE JESUS EM MARILÂNDIADO SUL. (autor(es/as): Bruno Augusto Florentino)

DESENVOLVIMENTO TERRITORIAL E SUA INTERFACE NOS ASSENTAMENTOS RURAIS DO MUNICÍPIO DE ROSANA-SP (autor(es/as): CLEDIANE NASCIMENTO SANTOS)

REFLEXÕES ENTRE A MANUTENÇÃO DAS IDENTIFICAÇÕES RURAIS E A INFLUÊNCIA DAS MODERNIDADES NA VILA DO DISTRITO DE GUARAGI - PONTAGROSSA (PR) (autor(es/as): FABELIS MANFRON PRETTO)

ÍNDIOS, TAPUIOS E “CABOCOS”. CULTURAS E IDENTIDADES MARGINAIS NA MANAUS DE ONTEM E HOJE. (autor(es/as): PAULO MARREIRO DOS SANTOS JÚNIOR)

TOPOFILIA & TOPOFOBIA – TOPOCIDIO & TOPO-REABILITAÇÃO: A MERCANTILIZAÇÃO DA CULTURA EXPRESSA NO PATRIMÔNIO HISTÓRICO ARQUITETÔNICO E URBANÍSTICO DE DIAMANTINA-MG (autor(es/as): RAHYAN DE CARVALHO ALVES)

ARELAÇÃO SER HUMANO/ NATUREZA – REFLEXÕES A PARTIR DE UM ESTUDO DE CASO. (autor(es/as): ROSANA BARROSO MIRANDA).

MR4.3. Territórios, Memórias e Identidades latino-americanas

As ciências humanas e em especial as sociais desenvolveram no século XX teorias e metodologias para compreender e explicar como se elaboraram concepções de territórios, memórias e identidades, sobretudo na produção intelectual latino-americana. Atualmente, os estudos de caráter socioambiental contribuem sobremaneira com esses avanços, especialmente se forem considerados os aportes da antropologia, da geografia cultural, da história, da psicologia social e da sociologia. Além de localizar esses avanços, é fundamental trazer para o debate os resultados das pesquisas realizadas com esses múltiplos enfoques entre as dimensões da natureza e da sociedade

Coordenação: Salete Kozel – Universidade Federal do Paraná - (UFPR – BRASIL)
Maria GERALDA de Almeida: Instituto de Estudos Socioambientais da Universidade de Goiás - (IESA/UFG – BRASIL)
Álvaro Luiz Heidrich: Universidade Federal do Rio Grande do Sul – (UFRGS – BRASIL)
Sandra Valeska Fernandez Castillo: Universidad de Concepción - (CHILE)
Alicia M. Lindon Villoria: Universidad Autónoma Metropolitana - (UAM – MÉXICO)

www.cepial.org.br

15 a 20 de julho de 2012

Curitiba - Brasil

4. CULTURA E IDENTIDADE NA AMÉRICA LATINA

“OUTROS” IMAGINADOS: AS REPRESENTAÇÕES DOS CIDADÃOS LATINO-AMERICANOS SOBRE AS CIDADES PRÓXIMAS E DISTANTES (autor(es/as): **carla beatriz santos menegaz**)

100 Anos de História: Alguns Elementos Formadores da Identidade Cultural do Território do Contestado (autor(es/as): **FLAVIA ALBERTINA PACHECO LEDUR**)

Guimarães Rosa no labirinto chamado América Latina (autor(es/as): **iolanda cristina dos santos**)

Los lugares de Memoria como lugares de Aprendizaje, tres estudios de caso: Santiago de Chile y Medellín-Colombia” (autor(es/as): **Karen Andrea Vásquez Puerta**)

A FESTA KALUNGA DE NOSSA SENHORA DE APARECIDA: IDENTIDADE TERRITORIAL E REAPROXIMAÇÃO ÉTNICA (autor(es/as): **Luana Nunes Martins de Lima**)

REPRESENTAÇÕES ESPACIAIS E SIMBÓLICAS: AS IDENTIDADES DAS FESTAS DO BOI-A-SERRA NO CENTRO-OESTE BRASILEIRO (autor(es/as): **Maisa França Teixeira**)

A construção do Patrimônio Cultural a partir do imaginário da população de Marechal Cândido Rondon - PR: um estudo sobre o lugar de memória Casa Gasa (autor(es/as): **Paulo Henrique Heitor Polon**)

A INFLUÊNCIA DO TURISMO NA VALORIZAÇÃO DA IDENTIDADE CULTURAL: O CASO DE SÃO LUÍS DO MARANHÃO (autor(es/as): **Saulo Ribeiro dos Santos**)

IDENTIDADE E FÉ NOS ASSENTAMENTOS RURAIS DE SERGIPE (autor(es/as): **Solimar Guindo Messi as Bonjardim**)

MR4.4. Espaço, gênero e sexualidades na América Latina

EMENTA

A mesa redonda tem como objetivo realizar uma reflexão sobre as relações de gênero que envolvem o processo de organização social, econômica e cultural dos territórios da América Latina, evidenciando as hierarquias e desigualdades baseadas nos papéis sociais insituídos para homens e mulheres.

Coordenadora: Joseli Maria Silva - Universidade Estadual de Ponta Grossa – (UEPG - BRASIL)

Marlene Tamanini: Universidade Federal do Paraná – (UFPR - BRASIL)

Diana Lan: Universidad Nacional del Centro – (UNC - ARGENTINA)

Maria das Graças Silva Nascimento Silva: Universidade Federal de Rondônia – (UFR – BRASIL)

RESUMOS APROVADOS

A MARCHA MUNDIAL DAS MULHERES E A CULTURA DOS MOVIMENTOS SOCIAIS CONTEMPORÂNEOS (autor(es/as): **ALEXANDRA PINGRET**)

PELOTÓN MARIANA GRAJALES: O OLHAR DA REVISTA MUJERES NO ANO DE 1971 (autor(es/as): **Andréa Mazurok Schactae**)

NA ARGENTINA TANGOS, NO BRASIL TRAGÉDIAS! LÁ MATRIMÔNIO IGUALITÁRIO, AQUI UNIÃO CIVIL (autor(es/as): **CHRISTOPHER SMITH BIGNARDI NEVES**)

ECONOMIA SOLIDÁRIA, RELAÇÕES DE GÊNERO E COLETADORES DE MATERIAL RECICLÁVEL: LIMITES E AVANÇOS (autor(es/as): **Edinara Terezinha de Andrade**)

As mulheres do tráfico e a violência de gênero (autor(es/as): **Fernanda Pereira Luz**)

ARTICULAÇÕES EM REDE NA AMÉRICA LATINA: O CASO DE CDDLA E “CATÓLICAS PELO DIREITO DE DECIDIR” NO BRASIL (autor(es/as): **Francine Magalhães Brites**)

OS SUJEITOS NA MARGEM DA CULTURA - CONFLITOS NOS ESPAÇOS EDUCACIONAIS LATINO AMERICANOS (autor(es/as): **Gustavo Luiz Ferreira Santos**)

Habilidades Sociais e Sexualidade: A construção Identitária na Adolescência (autor(es/as): **Priscilla de Castro Campos Leitner**)

AS UNIÕES HOMOAFETIVAS CONFORME O BLOCO DE CONSTITUCIONALIDADE E UMA PROTEÇÃO NORMATIVA GLOBAL: GARANTINDO DIREITOS HUMANOS (autor(es/as): **Rafael da Silva Santiago**)

POLÍTICAS PÚBLICAS DE INCLUSÃO E PERMANÊNCIA DE LGBT NAS ESCOLAS PÚBLICAS DO ESTADO DO PARANÁ: UMA REFLEXÃO SOBRE SUAS APLICABILIDADES NO CONTEXTO DA EJA E PROEJA (autor(es/as): **Reinaldo Kovalski de Araujo**)

O MEDO NA CONSTRUÇÃO DAS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DE ADOLESCENTES DO SEXO MASCULINO DA PERIFERIA DE DIFERENTES ÁREAS URBANAS DE PONTA GROSSA, PR (autor(es/as): **RENATO PEREIRA**)

MR4.5. Sociedades Tradicionais: imagens, tempo, espaço e saberes sobre a natureza

EMENTA

Em sua interação com a natureza, com distintas conformações, as chamadas “sociedades tradicionais” ou as sociedades originárias, constroem, historicamente, em seu universo mental, imaginário e práticas ecoprodutivas, uma cultura própria que envolve o conhecimento e respeito aos ciclos e movimentos naturais, atribuindo significado à sua vida material e imaterial – aos espaços ou territórios de que fazem parte. Isso envolve ritmos de tempo diferenciados dos ritmos caracteristicamente produtivistas que regem as sociedades urbano-industriais, os quais se pautam, fundamentalmente, numa temporalidade cronometrada e aritmetizada – no tempo da fábrica. Contrapor essas diferentes culturas, em sua lógica própria, focalizando, particularmente, as imagens, ritmos temporais, territorialidades e saberes patrimoniais das “sociedades tradicionais” e/ou originárias, significa pensarmos numa política de futuro na qual se inscreva o grande legado que tais sociedades detêm no trato com a natureza, com base em sua cosmovisão, práticas e expressões culturais próprias, para a construção de novas formas societárias, numa síntese histórica, de futuros inéditos.

Coordenadora: Lúcia Helena de Oliveira Cunha: Universidade Federal do Paraná (UFPR – BRASIL)

Carlos Galano: Universidad Nacional de Rosario - (UNR- ARGENTINA)

Carlos Walter Porto Gonçalves: Universidade Estadual do Rio de Janeiro - (UERJ- BRASIL)

Liliana Porto: Universidade Federal do Paraná - (UFPR-BRASIL)

Arturo Argueta: Universidad Nacional Autónoma de México - (UNAM-MÉXICO)

www.cepial.org.br

15 a 20 de julho de 2012

Curitiba - Brasil

RESUMOS APROVADOS

MULTICULTURALISMO, TURISMO E COMUNIDADES TRADICIONAIS: CAMPOS DE COEXISTÊNCIA E VIVENCIALIDADE? (autor(es/as): **Isabel Jurema Grimm**)

Seringueiros do Acre - Imaginário e Paisagem Cultural (autor(es/as): **Janaína Mourão Freire**).

AS PAISAGENS CULTURAIS DO/NO ESPAÇO FESTIVO DA COMUNIDADE ENGENHO II EM CAVALCANTE – GOIÁS: UM OLHAR À LUZ DA GEOGRAFIA CULTURAL (autor(es/as): **JORGEANNY DE FATIMA RODRIGUES MOREIRA**)

RECONHECIMENTO DAS ICCAS (ÁREAS CONSERVADAS POR COMUNIDADES INDÍGENAS E LOCAIS) NAS POLÍTICAS DE CONSERVAÇÃO AMBIENTAL: DISCUSSÕES ATUAIS. (autor(es/as): **Luciene Cristina Rizzo**)

MR4.6. História e Literatura na América Latina

EMENTA

Na produção historiográfica recente, a literatura vem surgindo como uma fonte que oferece importantes recursos de análise da sociedade. Incorporada solidamente no conjunto de inovações de fontes, métodos e problemáticas que há algumas décadas transformaram a experiência da pesquisa histórica, a literatura está presente hoje numa pluralidade de estudos que pretendem compreender o intrincado universo das experiências mais subjetivas de homens e mulheres. Na América Latina a literatura tem ocupado importante papel no movimento da sociedade. Seja ela abordada desde o ponto de vista da materialidade do livro, da localização social do escritor, de suas “redes de interlocução”, bem como numa análise dos significados do texto, das representações da realidade que ele traz. Pensar a América Latina desde o ponto de vista dessa relação é a reflexão central que norteia o debate aqui proposto

Coordenadora: Ana Amélia de Moura C. de Melo: Universidade Federal do Ceará (UFC - BRASIL)

Tracy Devine Guzman: Duke University of Miami – (ESTADOS UNIDOS DA AMÉRICA)

Soledad Falabella Luco: Universidad Diego Portales – (UDP - CHILE)

Adelaide Maria Gonçalves Pereira: Universidade Federal do Ceará – (UFC - BRASIL)

Ivone Cordeiro Barbosa: Universidade Federal do Ceará – (UFC - BRASIL)

RESUMOS APROVADOS

Cartas de Nova York - José Martí Correspondente (autor(es/as): **Amanda Leite de Sampaio**)

O TURISTA APRENDIZ, DE MÁRIO DE ANDRADE VERSUS EL ZORRO DE ARRIBA Y EL ZORRO DE ABAJO, DE JOSÉ MARIA ARGUEDAS – UMA APROXIMAÇÃO LITERÁRIA E SOCIOLÓGICA NO PANORAMA LATINO AMERICANO (autor(es/as): **CRISTIANO MELLO DE OLIVEIRA**)

O espaço da ficção na identidade em invenção e memória, de Lygia Fagundes Telles (autor(es/as): **Fernando de Moraes Gebra**)

Jorge Luis Borges e o Populismo Argentino (1946-1955) (autor(es/as): **Fernando de Moraes Gebra**)

Bahia 1860: o Brasil de Maximiliano (autor(es/as): **Flávia Silvestre Oliveira**)

OS INTELLECTUAIS E A NOVA ATENAS: Um estudo das representações nas obras dos literatos maranhenses no início da Primeira República (autor(es/as): **PATRICIA RAQUEL LOBATO DURANS**)

MR4.7. - Interculturalidade, Identidades e Arte Latinoamericana.

EMENTA

A mesa propõe-se a discutir as questões anunciadas, do ponto de vista da crítica de arte e dos artistas, aqui representados por Hector Guido (teatro) e Pavel Egúez (artes plásticas). A partir do enfoque das políticas de subjetivação e suas interfaces (Suely Rolnik) e da interculturalidade que se acentua na resistência da arte em tempos globais, observada, sobretudo, nas zonas transitórias (Ticio Escobar), quer desencadear o debate sobre os recursos críticos e expressivos que se manifestam na arte atual da nossa América, frente ao “esteticismo brando” regido pelos mercados globais, que desvia o capital simbólico e gera territórios homogeneizados

Coordenadora: Mariza Bertoli – Universidade de São Paulo – (USP – BRASIL)

Maria José Justino: Escola de Música e Belas Artes do Paraná - (EMBAP-PR - BRASIL)

Ticio Escobar: Ministro da Cultura do Paraguai - (PARAGUAY)

Hector Guido: Diretor de Cultura de Montevideo - (URUGUAI)

Gustavo Pavel Egúez: Artista Plástico - (EQUADOR)

RESUMOS APROVADOS

Entre balas e belas - Comunicação e Moda nas favelas cariocas (autor(es/as): **Alexandra Santo Anastacio**)

PAISAGENS CULTURAIS E FRONTEIRAS (autor(es/as): **Beatriz Helena Furlanetto**)

INDÍGENAS: ENTRE REPRESENTAÇÕES E DISCURSOS (autor(es/as): **Eder Augusto Gurski**)

DE LA CULTURA ORAL A LA DIGITAL: SABERES, MEMÓRIAS Y NARRATIVAS EN LA TRANSCULTURA. PERSPECTIVAS DESDE LA UNIVERSIDAD INDÍGENA DE VENEZUELA (autor(es/as): **Fabiana Anciutti Orreda**)

O ATOR E O GRUPO: DISCURSOS SOBRE O TEATRO FEITO NA UNIVERSIDADE (autor(es/as): **JEAN CARLOS GONÇALVES**)

FESTAS POPULARES E SUAS REPRESENTAÇÕES IMAGÉTICAS: LUGAR DE PROMOÇÃO DO PERTENCIMENTO E VALORIZAÇÃO DAS CULTURAS SUBALTERNAS. (autor(es/as): **Katia Maria Roberto de Oliveira Kodama**)

ASPECTOS DA ECONOMIA CRIATIVA NO MERCOSUL A Indústria Fonográfica como fator de aproximação entre Brasil e Argentina (2003 – 2011) (autor(es/as): **marcello de souza Freitas**)

SUSTENTABILIDADE CULTURAL: MANUTENÇÃO, CONSERVAÇÃO E DIFUSÃO DE PEQUENOS ACERVOS - RELATO DE EXPERIÊNCIA (autor(es/as): **Rafael Schultz Myczkowski**)

FALA JUVENTUDE! UM ESTUDO SOBRE AS RELAÇÕES ENTRE JUVENTUDE, CULTURA E LAZER (autor(es/as): **Sandra Rangel de Souza**)

O Autorretrato Ampliado (autor(es/as): **Terezinha Pacheco dos Santos Lima**)

www.cepial.org.br

15 a 20 de julho de 2012

Curitiba - Brasil



Iolanda Cristina dos Santos possui graduação em Letras pela Universidade Federal de Ouro Preto (1988), mestrado em Letras pela Universidade Federal de Juiz de Fora (1995) e doutorado em Letras (Ciência da Literatura) pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (2006). Professora de Língua Portuguesa da Universidade Salgado de Oliveira (UNIVERSO), professora efetiva da Escola Municipal José Calil Ahouagi. Pós-doutoranda no Programa de Línguas Vernáculas da Universidade Federal do Rio de Janeiro, Departamento de Literaturas Africanas de Expressão Portuguesa. Professora do Grupo de Formação de Professoras da rede pública de Juiz de Fora, na Secretaria Municipal de Educação de Juiz de Fora. Organizadora do livro *Cartas na escola: a gente se escreve, pelo Fundo de Apoio à Pesquisa em Educação Básica*, Prefeitura de Juiz de Fora. Artigo publicado com o apoio da Fundação Biblioteca Nacional, Rio de Janeiro, 2009: “Brasil e Moçambique: estórias que se contam. *Revista de História* (Rio de Janeiro), 2010. Publicou os artigos “João Guimarães Rosa na Escola Municipal Dr. João Guimarães Rosa”, *Cadernos para o Professor* (Juiz de Fora), 2007 e “Diálogos poéticos entre Brasil e África de expressão portuguesa”, *Cadernos para o Professor* (Juiz de Fora), 2011. Artigo “No meio do caminho havia poetas: diálogos poéticos entre Brasil e Angola”, publicado nos *Cadernos CEAP*, Rio de Janeiro, 2010. Artigo publicado em parceria com Andrea Borges de Medeiros, intitulado “Nas asas da borboleta: os sentidos do tempo, *Cadernos do CEDES (UNICAMP)*, 2008. Prêmio Medalha Nelson Silva, pela Prefeitura Municipal de Juiz de Fora Tem experiência na área de Letras, com ênfase em Teoria Literária e Língua Portuguesa.

GUIMARÃES ROSA NO LABIRINTO CHAMADO AMÉRICA LATINA

INTRODUÇÃO

O estudo a seguir pretende ser uma contribuição ao eixo “Cultura e identidade na América Latina”, através do qual contemplaremos uma narrativa ficcional em que temas como memória e identidade são pungentes e revelam o homem brasileiro, situado no sertão mineiro e rosiano, em busca de sua biografia e de seu lugar.

Para tanto, apreciaremos a novela *Uma estória de amor*, do escritor João Guimarães Rosa, a qual faz parte das novelas de *Corpo de baile*, mais tarde republicada como “Manuelzão”. O trabalho contempla o tema da fundação de um lugar, que, na narrativa em questão, é pano de fundo para a busca de identidade por parte do protagonista e seus agregados. .

Não podemos falar da obra de Rosa sem antes a contextualizarmos dentro das particularidades e disparates desse complexo chamado América Latina. Quando pensamos na ideia de América Latina o que imediatamente emerge é a noção de identidade, que se configura num processo de variadas facetas em cada país latino-americano, mas que possui em comum o seu sentido essencial, que é justamente a tentativa de preservação do que é singular, único, diferente. E é dessa necessidade de constituição da identidade que nasce a noção de nação, nos países latino-americanos, ou seja, a produção de um lugar, ainda que à deriva.

Na história da formação dos primeiros narradores de ficção do Brasil, temos uma tímida demonstração de como os primeiros relatos, ainda que atados às cópias ou à visão dos viajantes estrangeiros, são uma tentativa de, primeiro encontrar as origens, para depois assegurá-las. Transformando o mapa em discurso narrativo, esses primeiros narradores buscavam uma figuração, por meio da cor local e da



natureza como espetáculo, do “espírito nacional”. Espírito este que seria mais tarde reconfigurado por escritores como Machado de Assis e Guimarães Rosa, mas dentro de uma escritura e abordagem totalmente pessoais. Nesses autores, ao invés do olhar fixo e armado dos primeiros cronistas, é o olhar indagador que predomina.

A metáfora do labirinto empregada por Otávio Ianni para caracterizar a América Latina é muito apropriada, pois para o autor a ideia de América Latina não se forma de modo contínuo, harmônico, tranquilo. Ela se dá por meio de avanços e recuos, tomadas e retomadas, cujo tema fundamental é a questão nacional, uma questão que continua em aberto, representando uma travessia em termos de unidade nacional, ainda não concluída.

Ao pensarmos na questão da identidade latino-americana, conceitos como conflito, tensão, lacunas, descontinuidades e discurso devem ser balizadas como marca de sua unidade, porque todos esses elementos foram gerados justamente de uma história de anos de submissão e de sucessiva dependência de seus países a potências exteriores. No entanto, é caracterizada por este traço de dependência e pelos séculos de dominação que a América Latina tenta construir a sua identidade cultural. Nesse sentido, a literatura seria um elemento fundamental no preenchimento dessas lacunas.

Guimarães Rosa é, sem dúvida, o escritor que, por meio de um projeto literário que prima pela singularidade, deu forma a esta mesma ausência de forma definida que é o panorama cultural da América Latina. Se este é, por sua vez, o resultado de uma multiplicidade de níveis, a identidade latino-americana só pode ser considerada nesses termos, ou seja, na busca de preenchimento das lacunas deixadas pela colonização europeia e tudo que ela representou. Identidade, neste caso, estaria ligada também à forma que não poderá mais se separar do conteúdo que tenta expressar.

É a partir da década de trinta que a literatura latino-americana contemporânea passa a transcender a literatura “realista” e “engajada” anteriormente desenvolvida e, caracterizando-se por não ser mais um simples retrato da realidade, questiona o sentido dessa realidade e apresenta os contrapontos e ao mesmo tempo as confluências de polos opostos como regionalismo e universalismo, racional e irracional.¹

Para IANNI (1993, p. 74), na América latina, “a nação parece encontrar-se sempre em formação. Não está no começo, avançou muito, mas continua a articular-se e rearticular-se, buscando o seu lugar.” O que nos faz pensar na imagem



da travessia criada por Rosa em *Grande sertão: veredas*, pois se a questão da América Latina ainda é um tópico em aberto, suas imbricações se traduzem num esforço de primeiro comprovar sua existência real, para, depois, estabelecer-se ou fundar a sua identidade. Não obstante tais tentativas, o fato é que esse processo de construção identitária latino-americana ainda está em fase de travessia; conhecemos o ponto de partida e tudo que o deflagrou, mas a chegada, ainda desconhecida, não pode ser deflagrada. Portanto, valeria, dentro deste contexto, a fim de o compreendermos nas suas particularidades e instabilidades, voltarmos à metáfora criada em *Grande sertão: veredas* que nos ensina que “o real não está na saída nem na chegada: ele se dispõe para a gente é no meio da travessia.” (ROSA, 1986, 52)

Se a construção da identidade nacional é trilhada por tantas contradições, voltemos à literatura e ao seu papel nessa dinâmica. Este seria, no nosso modo de entender, a produção de um lugar que se deseja muito estabelecer e sobre o qual muito se deseja firmar os pés, principalmente se considerarmos que, em termos de construção de identidade nacional, o sentimento que mais incomoda é o de estar à deriva. No entanto, é justamente desse lugar à deriva que poderá surgir um novo conceito ou intento de produção. Só das lacunas impostas pelos séculos de colonização, os quais geraram esse mal-estar de não ter definida a própria tez cultural, que uma nova perspectiva de criação literária, pautada nas especificidades do local, sem perder de vista a abrangência do universal, se abre como referência para a construção do regional, do nacional e do universal. Neste aspecto, a premissa rosiana sugerida por “o sertão é dentro da gente” representaria esta abertura ao particular e ao universal. Pois: O sertão é um mundo, um espaço rico em símbolos e referências, um lugar de memória, com suas relações de fidelidade, mandos, desmandos, amor e ódio. O sertão é um lugar identitário, relacional e histórico. Ele simboliza a relação de cada um de seus ocupantes consigo mesmo, com os outros e com uma história comum. Transformando as contradições e lacunas do processo de construção identitária da literatura brasileira, inserida neste complexo labirinto latino-americano, Rosa não sobrecarrega o seu fazer literário com um tom de denúncia, ou propõe uma tipificação do ser e da paisagem locais, como ocorreu com as gerações de escritores que o antecederam. Por outro lado, é justamente o poder alquímico de sua linguagem que causa uma ressonância fecunda dentro do espírito lacunar de que esteve impregnada a história de nossa literatura.

OBJETIVOS



No intuito de aquecermos as discussões acerca do papel da escritura de Guimarães Rosa no contexto latino-americano, traçamos alguns objetivos que pretendem situar o leitor na tessitura rosiana. Nesse sentido, nossa pesquisa se dispõe a:

.Propor caminhos de leitura do texto rosiano numa abordagem interdisciplinar, situando-o dentro das especificidades da América Latina.

. Mostrar de que modo a discussão sobre identidade pode ser abordada por um viés literário, especificamente produzida por um autor com as especificidades de Guimarães Rosa.

.Oportunizar, por meio da literatura, um diálogo entre outras áreas do conhecimento, como geografia, antropologia, filosofia, história e afins, com foco nas questões identitárias.

. Possibilitar uma leitura multicultural dos personagens envolvidos na trama do texto rosiano, numa relação de espelhamento com os cidadãos brasileiros e de outros países da América Latina que possuem indagações comuns e específicas.

METODOLOGIA

Mostraremos, por meio da análise literária, que, no discurso narrativo rosiano desarmonizam-se os espaços caracterizadores do “ser nacional”. Deste modo, serão focados os elementos do texto de ficção, o personagem, o espaço e o discurso literário.

Buscaremos uma apreciação mais minuciosa acerca do tema da fundação como construção de identidade, tendo como pano de fundo a fundação como um jeito de narrar, de fazer fusão entre o local e o universal. Para tanto, colocaremos em foco o protagonista Manuelzão, uma vez que as andanças de sua vida estão fortemente marcadas pelo tema da fundação.

Deste modo, enfatizamos, durante nosso diálogo com *Uma estória de amor*, a questão da escrita que se funda e de um conceito de espaço também fundante. Esse último, sugerido na premissa do autor “o sertão é dentro da gente” ou “o sertão é o mundo”, será a base de nossa análise pois tal visão relativiza o espaço. Mostraremos como o protagonista da história, na vivência de suas mazelas existenciais, relacionadas à posse ou não da terra, extrapola o local onde vive, e é lançado num movimento de expansão para o universal, sempre em busca do seu lugar.



Faremos uma leitura filosófica do espaço e do construir, com foco na tríade Heideggeriana: *construir, habitar, pensar*. Um diálogo com Bachelard será um outro recorte, também voltado para uma leitura do espaço, uma vez que ambos os pensadores valorizam respectivamente o lugar e o espaço como formas de estar no mundo. Considerando Guimarães Rosa um dos autores que mais criativamente soube responder às disparidades deste complexo chamado América Latina, e por estarem os seus personagens na lida imediata e direta com as lutas e o amor pela terra, não podemos privar o leitor e o estudioso nas questões pertinentes à América Latina de uma breve notícia acerca deste ponto, o qual, certamente, poderá inspirar leituras e análises bem mais sistemáticas.

1. MANUELZÃO: BUSCA DE IDENTIDADE

A identidade só pode ser considerada quando contemplamos os aspectos que circundam e compõem a natureza de uma pessoa. Neste conjunto entram também aqueles outros trabalhos nem sempre valorizados pela nossa sociedade, voltada quase sempre para os resultados imediatos e objetivos, para a qual os elementos oníricos, relacionados ao devaneio e às lembranças jamais poderiam ser chamados de trabalho. Manuelzão, protagonista da novela em estudo, é um personagem que pode ser, em essência, considerado como o homem do trabalho. Nele, as forças para o trabalho são impulsionadas todo o tempo. Olhando-o com um olhar contemplativo, veremos que nele outros tipos de trabalho operam, os quais, como voltas de um círculo, trazem-no da infância à velhice. É o que podemos ver quando ele se permite sonhar, ou devanear.

Em *Uma história de amor* a velhice pode ser vista como aquele momento na vida de Manuelzão em que este, inspirado por um sonho, parte para a construção de um novo espaço, não mais de trabalho, mas de celebração. Temos, além do trabalho de ordem material realizado pelo protagonista, os trabalhos da memória que permeiam toda a narrativa e revelam os projetos que modelam e asseguram a identidade de Manuelzão. Suas lembranças são modos de assegurarem sua biografia e manterem seus projetos em decurso. Também é por meio delas que podemos conhecer as circunstâncias de sua vida, e que o trouxeram até o presente,



com perspectivas de futuro. Trata-se de uma memória relacionada ao passado mas também voltada para o futuro. Ao se lembrar do passado, Manuelzão nos dá a oportunidade de compormos os fios de sua identidade, porque é nestes momentos que o lado subjetivo do seu conhecimento se mostra de forma desembaraçada e livre. BERGSON,² citado por BOSI (1994, p. 47), cria uma imagem comparativa interessante para as lembranças que estão impregnadas nas percepções atuais: “como a sombra junto ao corpo.”

Aos sessenta anos, o protagonista tem muito o que lembrar, e ainda o que projetar. O seu passado está conservado, como uma estória que também se narra, subliminarmente, aos acontecimentos da festa e da primeira missa. Conforme BOSI (1994, p. 48) “o passado conserva-se e, além de conservar-se, atua no presente, mas não de forma homogênea.”³

Para nós, que estamos atentos ao seu processo identitário, a observação de suas falas veladas e desveladas muito nos interessa, pois estas enriquecem o seu universo, validando a polifonia com que sua identidade é configurada. Neste aspecto, as estórias de Joana Xaviel, outra personagem instigante da narrativa, têm também um papel muito importante, porque é enquanto as ouve que Manuelzão, embora relute em ouvi-las, aprecia-as e abre espaço para os seus devaneios. “Manuelzão aceitava de escutar as estórias, não desgostava. De certo que não vinha nunca para a cozinha, fazer roda com os outros; ele não gastava lazer com bobagens. Mas, se ouvindo assim, de graça, estimava. As estórias reluziam às vezes um simples bonito, principalmente as antigas, as já sabidas, das que a gente tem em saudades, até” (ROSA, 1994, p. 563). Neste fragmento, a voz do narrador se dilui à do protagonista, por meio deste recurso muito explorado na narrativa que é o discurso indireto livre.

Outro fator que contribui para o delineamento da identidade do protagonista é a própria forma como este apresenta os seus coetâneos, velhos da redondeza, fazendeiros. Uns bem sucedidos; outros, nem tanto. Temos, então, à luz do dialogismo bakhtiniano, um discurso que se faz por meio de uma multiplicidade

² BERGSON, H. Matière et mémoire. In: **Ouvres**. Paris, PUF, 1959.

³ Em *Memória e sociedade* Ecléa Bosi, faz um precioso estudo sobre a memória, baseada nas pesquisas de Henri Bergson. Neste livro, ao lado da linguagem científica, há depoimentos de pessoas simples que relatam as suas memórias).

www.cepial.org.br

15 a 20 de julho de 2012

Curitiba - Brasil



de vozes. “Um verdadeiro campo de batalha onde um sem número de vozes articuladoras de linguagens sociais de diferentes tons, movimentam-se ao embalo de diferentes estilos, convergindo para organizar a originalidade estilística do todo.” (FARACO, 2001, 44)⁴ Estas vozes do outro, apresentadas pelo narrador e pelo protagonista, constroem a alteridade de Manuelzão: “Houve um declarado de respeito, os outros abrindo espaço para caminho, quando chegou o senhor do Vilamão, de barba andó, o cabelo total embranquecido, trajado de vestimenta que não se usava mais em parte nenhuma[...]. Manuelzão sabia quem era ele, homem de muitas posses, de longes distâncias dentro de suas terras.” (ROSA, 1994, p. 554)

E depois “chegava também o Lói, um Lói, que não era mais vaqueiro, da Vereda do Liroliro, uns tempos tinha vivido de caçar onças, tinha estado pago para matar onça até na beira do Rio Barra da Égua, Córrego Curral de Fogo, que são do Paracatu; mas no atualmente ele negociava em mulas e burros. Esse Lói, vestido com a *baeta* – um capote feito de baeta, vermelho de dando chama, de espantar boi até” (ROSA, 1994, p. 554). Ao apresentar os amigos, a descrição das suas roupas é um elemento que imediatamente leva o protagonista a um diálogo com as suas lembranças de infância e sinaliza um passado de pobreza. Novamente o discurso indireto livre funciona como um procedimento polifônico. “Bom, mas que não se usava mais, era o cavu, como o do senhor no Vilamão: jeitoso para se montar a cavalo, porque se abria bem; e tinha o mantelete por cima, a capeta de abrigo, que se enrolava nos braços. Desde menino, Manuelzão sempre curtira vontade de ter um cavu daqueles, mas que não era vestimenta para gente pobrezinha, nem o pai dele Manuelzão nunca tinha conseguido possuir um. Agora, que ele para isso conseguira dinheiro arranjável, não adiantava nada, porque o cavu não existia ...” (ROSA, 1994, p. 555)

O nosso intuito, no que diz respeito à construção identitária do protagonista, é estabelecer também as devidas correspondências entre o homem e a terra onde constrói seus sonhos. Certos de que é nela e nas relações com os outros que a sua unidade se torna possível, a voz do protagonista é uma voz que indaga, compara, critica, pondera, aguarda. Nesse sentido, uma outra instância da

⁴ Esta afirmação refere-se ao discurso romanescos, mas, não obstante estejamos nos referindo a uma novela, julgamo-las bastante apropriadas dentro do contexto.



narrativa sinalizadora dos percalços formadores de sua identidade é a terra, componente essencial nesta novela e que funciona como uma espécie de duplo de Manuelzão, cujas incertezas acerca do seu pertencimento ou não à mesma geram sombras e dúvidas no corpo cultural do protagonista.

1.1 HABITAR E CONSTRUIR: CONSTRUÇÃO DE IDENTIDADE

Nesta narrativa, não podemos falar de identidade sem focarmos o espaço, o qual será compreendido neste artigo a partir da visão poética de Bachelard, e de lugar do ser heideggeriana. A escolha destes pensadores deve-se ao fato de que o primeiro tem uma visão do espaço essencialmente vazada pela imagem poética e pelas repercussões subjetivas, sensoriais, anímicas do espaço, visto como o lugar em que se edificam a memória, o devaneio, a imaginação. Acreditamos tratar-se a concepção bachelardiana de espaço uma forma harmônica de ler as descrições rosianas do espaço, tão bem cuidadas, agraciadas em cada detalhe, nuances ou mudança de perspectiva. O espaço poético de Bachelard permite-nos penetrar na poética dos cantos e recantos de *Uma estória de amor*: a primeira casa, o curral, a capela, os interiores, a caverna de Urugem, a cozinha que aquece as narrativas de Joana Xaviel e os arredores. Não estão todos estes espaços intactos, justamente porque protegidos pelos elementos poéticos que os constituem? Mais que simples espaços de habitação, tratam-se de espaços que guardam aqueles “valores oníricos” apontados por BACHELARD (1998, p. 25): “...Todos os abrigos, todos os refúgios, todos os aposentos têm valores oníricos consoantes. Já não é em sua positividade que a casa é verdadeiramente ‘vívda’, não é somente no momento presente que reconhecemos os seus benefícios. Os verdadeiros bem-estares têm um passado. Todo um passado vem viver, pelo sonho, numa casa nova.”

Comungando desta leitura Heidegger nos leva, não ao espaço de que nos fala Bachelard, mas ao lugar como *lugar do ser* (grifo nosso), porque para ele o homem é o único ser que habita, porque é o único ser que constrói e que projeta seu próprio estar no mundo. É o próprio HEIDEGGER (2002, p. 128) aponta para a ideia



do construir pensado a partir da essência do habitar: “No sentido de habitar, construir desdobra-se em duas acepções: construir, entendido como cultivo e o crescimento e construir no sentido de edificar construções.”

As questões propostas por HEIDEGGER (2002, p. 134) “como o lugar se relaciona com o espaço? Qual a relação entre o homem e o espaço?” iluminam algumas passagens de *Uma estória de amor*, quando percebemos a relação do protagonista com os locais. A terra de Manuelzão, este lugar/espaço de que nos falam os filósofos, surge como um espaço poeticamente pensado e habitado. A subjetividade com que o narrador apresenta os lugares é acompanhada pela objetividade das paisagens locais.

la HAVER FESTA. Naquele lugar – nem fazenda, só um reposto, um currais-de-gado, pobre e novo ali entre o Rio e a Serra-dos-Gerais, onde o cheiro dos bois apenas começava a corrigir o ar áspero das ervas e árvores do campo-cerrado, e, nos matos, manhã e noite, os grandes macacos roncavam como engenho-de-pau moendo. Mas, para os poucos moradores, e assim para a gente de mais longe ao redor, vivente nas veredas e chapadas, seria bem uma festa. Na Samarra. (ROSA, 1994, p. 543)

Sabemos onde tudo começa por meio de um pronome demonstrativo que aponta para um lugar certo, definido, mas que vai perdendo em objetividade à medida que a descrição cresce, em um processo de gradação que se dá, primeiro, pela breve enumeração marcada pelas vírgulas para ir se complicando quando o pronome relativo *onde* introduz o aspecto mais subjetivo e metafórico na descrição, a qual ganha uma tonalidade mais de narração que propriamente de descrição.

Chamamos a atenção do leitor para a beleza desta descrição que introduz a narrativa, cujo entrelaçamento das informações de ordem narrativa e descritiva prima por traduzir a simplicidade do lugar, ao mesmo tempo que oferecem possibilidades sensoriais que afetam imediatamente a visão e o olfato, bem como a imaginação, uma vez que a descrição se inicia como uma paisagem nova também para o narrador, que está num entrelugar, definindo-se ainda; mas que, à medida que vai narrando, demonstra estar bastante integrado aos espaços. Ora, toda esta apresentação é encerrada pelo nome do lugar, bem demarcado, isolado por um ponto final antes e outro depois. “Na Samarra.” Interessante observar que ao ser introduzido *onde*, o lugar, assim como os períodos, vai ficando mais velado, de difícil



acesso, ou acessível apenas aos poucos moradores de lá. É um modo de narrar que revela grande conhecimento do espaço por parte do narrador, que, como já foi dito, dá a impressão de estar lá, e em outros momentos, de estar à distância, observando.⁵

1.2 O UNIVERSO DE SAMARRA

IA HAVER FESTA. É a expressão que introduz a narrativa. As palavras em caixa alta contêm toda a substância das páginas que virão. Como uma manchete, um aviso, um convite. “Queria uma festa forte, a primeira missa. Agora, por dizer, certo modo, aquele lugar da Samarra se fundava” (ROSA, 1994, p. 544). A capela como lugar deste começo, deste recomeço nos remete não só a este plano simbólico da novela, mas também à ideia do Brasil da época do descobrimento em que se erigia, inicialmente, uma capela. A partir dela a cidade poderia ser pensada. Primeiro o espaço do sagrado que, por sua vez, orientaria o trabalho material.

Interessante observar que a fundação do lugar se substancia no ato da fundação da capela e, em seguida, da primeira missa celebrada. Sabemos que as capelas têm papel importante na descoberta das primeiras cidades mineiras. A caça ao ouro, por exemplo, em Vila Rica trouxe, além das brigas, traições e mortes, algumas outras expressões humanas como a devoção, que, em meio a todos os atritos, insurgia-se em forma das primeiras e precárias ermidas feitas à época em taipa de pilão.⁶

Samarra representa o grande espaço, o lugar que abrigará outros micro-espacos de realização da narrativa. Entrando em Samarra, entraremos nos espacos poéticos de que nos fala Bachelard, sem perdermos de vista o “habitar” como forma de estar abrigado, resguardado, pensado por Heidegger. Manuelzão é um homem que reflete constantemente sobre o seu pertencimento ou não ao lugar onde vive. Na sua situação de agregado, “Na Samarra, aliás, conduziria o início de

⁵ Vale citar que este narrador rosiano nos faz lembrar o próprio autor, que nas suas incursões pelo sertão andava sempre anotando tudo que via e ouvia, como os primeiros viajantes que passaram pelo Brasil e tanto influenciaram as prosas de ficção do século passado.

⁶ Estes eram, segundo ALMEIDA (1980, p. 23), os embriões das futuras igrejas, nas quais era celebrado o culto aos santos preferidos pelos moradores dos diversos núcleos de mineração, que ali se reuniam para suas festas, preces e comemorações.



tudo, havia quatro anos, desde quando Frederico Freyre gostou do rincão e ali adquiriu seus mil e mil alqueires de terra asselvajada. – “Te entrego, Manuelzão, isto, te deixo em mão, por desbravar” (ROSA, 1994, p. 547). Ele vive em essência o desejo de construir e de habitar, o que remete novamente a HEIDEGGER (2002, p. 139): “A essência de construir é deixar-habitar. A plenitude de essência é o edificar lugares mediante a articulação de seus espaços. *Somente em sendo capazes de habitar é que podemos construir.*” (grifo do autor) Complementando esta visão, BACHELARD (1998, p. 27) propõe uma valorização do espaço do “*interior*” (grifo do autor): “No interior do ser, no ser do interior, um calor acolhe o ser, envolve-o. O ser reina numa espécie de paraíso terrestre da matéria, fundido na doçura de uma matéria adequada. Parece que nesse paraíso material o ser mergulha no alimento, é cumulado de todos os bens essenciais.”⁷

Conhecendo “as poeiras do mundo” (ROSA, 1994, p. 547), Manuelzão sempre fora um homem de vários sertões, por onde viajou guiando boiadas, vivendo em lugares provisórios. Mas agora, na Samarra, queria se estabelecer. E é movido por este desejo que constrói primeiro a casa e depois a capela. Em várias passagens entrelaçam-se passado e futuro. O desejo de se estabelecer evoca uma resposta ao passado de pobreza do protagonista, e é o narrador quem faz este balanço da vida do personagem, justificando seus atos, porque o conhece profundamente: “Ele nascera na mais miserável pobrezazinha, desde menino pelejara para dela sair, para pôr a cabeça fora d’água, fora dessa pobreza de doer. Agora, com perto de sessenta anos, alcançara aquele patamar meio confortado, espécie de começo de metade de terminar.” (ROSA, 1994, p. 546)

O fragmento acima sintetiza o trajeto do protagonista, mas podemos lê-lo também inspirados nas imagens e nos bem-estares do passado que, segundo Bachelard, são trazidos, pelo sonho, para uma casa nova. Manuelzão é um homem de muitas pousadas passadas, mas que agora busca uma certa. Ele deseja pertencer. E para isto precisa construir. Construindo será o dono? Uma resposta a

⁷ Nesse sentido, Bachelard propõe uma metafísica completa, que englobe a consciência e o inconsciente, e faz uma crítica à metafísica consciente que, situando-se no momento em que o ser é ‘*jogado no mundo*’ (grifo do autor), passa por cima das preliminares em que o ser humano é colocado num bem-estar associado primitivamente ao ser. O autor considera aquela primeira metafísica como uma metafísica de segunda posição.



esta pergunta é possível se considerarmos que o habitar para Manuelzão só se dá de acordo com as dialéticas de sua vida. Os pressentimentos o amargavam. “Possuía? Os cotovelos! Era mesmo quase igual com o velho Camilo... Agora sobressentia aquelas angústias de ar, a sopitação, até uma dor-de-cabeça; nas pernas, nos braços, uma dormência. A aflição dos pensamentos. Parece que eu vivo, vivo, e estou inocente. Faço e faço, mas não tem outro jeito: não vivo encalcado, parece que estou num erro... Ou que tudo que eu faço é copiado ou fingimento, eu tenho vergonha... (ROSA, 1994, p. 599).

Entretanto, não obstante as dúvidas de Manuelzão, oriundas de sua situação de agregado, o ponto de vista de Bachelard, que se descreve como um fenomenólogo que vive das origens, traz uma nova perspectiva ao habitar, remontando, para tanto, às origens das moradas:

Antes de ser “jogado no mundo”, como o professam as metafísicas apressadas, o homem é colocado no berço de casa. E sempre, nos nossos devaneios, ela é um grande berço. Uma metafísica concreta não pode deixar de lado esse fato, esse simples fato, na medida em que ele é um valor, um grande valor ao qual voltamos nos nossos devaneios. O ser é imediatamente um valor. A vida começa bem, começa fechada, protegida, agasalhada no regaço da casa. (BACHELARD 1988, p. 26)

Buscando um diálogo entre Heidegger e Bachelard, podemos dizer que as investigações heideggerianas acerca do construir não se fazem a partir da arquitetura e das técnicas de construção, mas refletem o construir para trazê-lo de volta ao seu contexto original, ou seja “a que pertence aquilo que é” (HEIDEGGER, 2002, p. 125). Para BACHELARD (2001, p. 25), “a casa não vive somente no dia-a-dia, no curso de uma história, na narrativa de nossa história. Pelos sonhos, as diversas moradas de nossa vida se interpenetram e guardam os tesouros dos dias antigos.”

Percebemos que entre Bachelard e Heidegger as noções de espaço se distinguem por meio de nuances que, postas lado a lado, constituirão um todo no que diz respeito ao espaço. O primeiro traz o espaço sempre presente na memória, e nas experiências oníricas e do devaneio. O espaço não se apaga, porque mora nos recantos da memória e dos sonhos. É experiência possível de ser revivida. Heidegger tece o conceito de espaço a partir do conceito de construir, de forma que habitar e construir são confluentes, processos primevos, porque o homem é um ser



que habita. No entanto, se o habitar heideggeriano não é posto em estado de poesia como em Bachelard, podemos ver na apresentação da quadratura⁸ construída pelo pensador, uma forma poética de habitar. O que distingue estes processos são os recônditos valorizados pelo primeiro, como vivência poética; e a associação habitar/construir enfatizada pelo segundo, como condição primeira de vida para o homem. Habitar é sua sina. O homem, então, para os dois nasce protegido, porque sempre habitou.

Heidegger denomina provisoriamente de construções tudo aquilo que, como lugar, propicia estâncias e circunstâncias. Usando o termo construção edificante, o filósofo explica que a experiência de como deve ser essa construção só pode ser feita após uma reflexão sobre a essência de cada coisa que a construção exige para a sua consecução. Assim: “Não só a relação entre lugar e espaço como também o relacionamento entre o lugar e o homem que nele se demora residem na essência dessas coisas assumidas como lugares.” (HEIDEGGER, 2002, p. 134)

As reflexões sobre habitar e construir propostas por Heidegger encontram ressonâncias em Bachelard e vice-versa. Se para Heidegger, “habitar seria, em todo caso, o fim que se impõe a todo construir. Habitar e construir encontram-se, assim, numa relação de meios e fins” (HEIDEGGER, 2002, p. 126). Para BACHELARD (2001, p. 37), “nós nos tornaremos sensíveis a essa dupla polaridade vertical da casa se nos tornarmos sensíveis à função de habitar a ponto de fazer dela uma réplica imaginária da função de construir.”

O fragmento a seguir, sugere outra apreensão do significado da casa. Lida dentro das visões dos filósofos, traduz um sentimento de integração entre a casa, os convidados e o protagonista.

Gente de boa razão, seja com o chapéu-de-couro seja com chapéu de seda de buriti – eles não se importavam muito com as maldades do tempo. Manuelzão nos usos deles já se ajeitava. Aquele poder de gente, por ali, chegando, para a festa, todos o olhavam com admiração e aspecto. Mundo grande! Mas, ainda muito maior, quando a gente podia estar em sua casa, e os outros vinham, empoeirados de sete maneiras, por estradas sertanias

⁸ Outro ponto interessante neste estudo acerca do habitar e da preservação dos espaços é a quadratura proposta por Heidegger, para quem o habitar se dá mediante quatro posturas essenciais que seriam: salvar a terra, acolher o céu, aguardar os deuses, conduzir os mortais. Neste ponto de vista, habitar é mais que demorar-se junto às coisas, mas é uma forma de preservar estes quatro aspectos citados.



– e pediam um café, um gole d'água. (ROSA, 1994, p. 558)

Afastados interiormente das contingências diárias pela perspectiva da festa e pela forte presença do Anfitrião, é na casa que todos viverão o privilégio de pequenas felicidades compartilhadas, mesmo que provisórias. Vale notar que outra vez a casa funciona como uma referência do valor e da confirmação da identidade de Manuelzão, contido também na própria grafia em maiúscula da palavra. Além destes aspectos, tal passagem valeria simplesmente pela beleza de sua linguagem, pela singeleza da atmosfera que ela cria dentro da narrativa, propiciando ao leitor tornar-se também um dos convivas, tal é a forma como os espaços são construídos.

1.3 HABITAR E RESGUARDAR

O vocábulo *resguardar*, trazido para o presente contexto, pede um novo olhar, pois, ao contrário do que comumente conhecemos, resguardar para Heidegger “acontece quando deixamos alguma coisa entregue de antemão ao seu vigor de essência, quando devolvemos, de maneira própria, alguma coisa ao abrigo de sua essência, segundo a correspondência com a palavra libertar (*freien*): libertar para a paz de um abrigo. Habitar, ser trazido à paz de um abrigo...” (HEIDEGGER, 2002, p. 129)

Dentro desta visão o “habitar” ganha uma abordagem nova, ou só é compreendido dentro desta atitude de resguardo, que perpassa e amplia o texto. Manuelzão é este homem que constrói, habita e resguarda cumprindo os seus projetos, pois ele constrói à medida que habita. E resguarda porque mantém a essência no seu abrigo, abrigando a todos.

A leitura que fazemos do protagonista de *Uma estória de amor* é, sem dúvida, uma leitura que possibilita vê-lo como um homem integrado à natureza que o cerca e à sua própria natureza interna que o faz ser dono de atitudes reveladoras de uma grande harmonia com o meio em que está inserido, o que se faz notar na sua relação com os amigos, tão distintos entre si, ricos, pobres, velhos, crianças, jovens, bichos-do-mato. Todos são abrigados em sua casa física e em sua casa espiritual. Trata-se de mais um daqueles personagens de Guimarães Rosa que nascem para celebrar a vida e comungá-la com os outros. Longe de ser um



personagem individualista, Manuelzão faz parte da diversidade de personagens rosianos, que comungam,coletivamente, certo modo de ser, de sofrer e de não se perder no sofrimento, mas de tirá-lo do lugar comum.

Mas, embora nesta estória Manuelzão pareça estar diluído no meio da confusão da festa e da coletividade que avança para a sua Casa, sua individualidade está preservada e marcada na intimidade de suas divagações sempre ligadas a sua identidade, que, por sua vez, está ligada à terra e à moradia. No entanto, ainda que estes sejam problemas pessoais, são vivenciados em meio à algazarra da festa, no momento de celebrações.

É importante para Manuelzão saber quem ele é e qual o seu espaço. Todos confluem para ele, para a festa que ele organizou e comanda. Tal sensação de ser amado e de se saber senhor do seu lugar é cúmpliciada pela voz do narrador que, atada à do protagonista por meio do discurso indireto livre, parece mesclar-se à dele. Por exemplo: quem é que fala ou pensa aqui? “Ah, todo mundo, no longe do redor, iam ficar sabendo quem era ele, Manuelzão, fariam depois com respeito.” Ou: “Aquele poder de gente, por ali, chegando, para a festa, todos o olhavam com admiração e aspecto (...).” “Também aqui é possível reconhecer Manuelzão como o “fazedor da Samarra, lugar de gado com todo funcionar, e que tudo agradecia era a ele mesmo, só a ele, Manuelzão (...).” “Aquilo eram proezas para com respeito se dizer: o valor dele, Manuelzão (...).” “Todos exaltados falassem: - *Este é o Manuel Manuelzão J. Jesus Roiz Rodrigues!*... (grifo do autor) Mais falassem. Um pouco, esse respeito, se falou.” (ROSA, 1994, p. 587-558)

Está claro que é desejo do protagonista que o seu nome seja lembrado. Para tanto ele precisa construir outro destino, diferente das histórias de resignações do pai. A terra aqui é um elemento de conquista não só material, mas simbólica, pois representa a confirmação de pertencimento. Encontram-se demarcados o passado (representado pela submissão do pai do protagonista) que “trabalhava e se divertia olhando só para o chão...” (ROSA, 1994, p. 557) e o presente de Manuelzão que “viera bem chegado, àquele aberto sertão, onde havia de se acrescentar, onde esquecia os passados” (ROSA, 1994, p. 557).

O sentimento de identidade e liberdade do protagonista estão ligados à sensação de de ser dono da terra e resguardá-la. Para Heidegger a questão do



habitar é uma questão crucial para todo ser humano. Embora as indagações do filósofo tratem de um habitar ontológico, Heidegger fala sobre a importância da habitação como se estivesse falando para o homem dos nossos dias, e tomemos aqui o exemplo do homem brasileiro que, pertencendo a um país com exorbitante extensão territorial, não é provido de condições de habitação e pertencimento. “Considerando-se a atual crise habitacional, possuir uma habitação é, sem dúvida, tranquilizador e satisfatório; prédios habitacionais oferecem residência. As habitações são hoje bem divididas, fáceis de se administrar.” (HEIDEGGER, 2002 p. 125)

Manuelzão, de certo modo, sintetiza este desejo de preservação da quadratura heideggeriana. Como bom sertanejo, conhecedor das mazelas da terra, nas terras de Samarra, agora já “estabelecido”, ele poderá demorar-se junto às coisas, salvando a terra, acolhendo o céu, aguardando os deuses, conduzindo as boiadas e os seus entes queridos.

1.4 TERRA E IDENTIDADE

Em *Uma estória de amor* Manuelzão é e não é o dono da terra. É, porque nela construiu sua história e viu erigir o seu trabalho, mas volta e meia se sente sobressaltado pela sensação de não pertencer, de não ser o dono. Afinal, qual a sua posição nas terras da Samarra? Às vezes sua identidade estava clara: “Não, ninguém lhe faltaria com o respeito, ali na Samarra ele era o chefe” (ROSA, 1994, p. 544). Noutras, a sensação de estar à deriva, de “não estar de todo”⁹ pairava como uma sombra sobre ele. “Sua casa. Sempre pudesse ser. Mas lá, na Samarra, não era dele. Manuelzão trabalhava para Frederico Freyre - administrador, quase sócio, meio capataz de vaqueiros, certo um empregado. Porém Frederico Freyre nem bem uma vez por ano se lembrava de aparecer, e Manuelzão valia como único dono visível, ali o respeitavam.” “Às horas, quando na boa mira dum sonho consentido, ele chegava mesmo a se sobre-ser, imaginando quase assim já fosse homem em poder e rico, com suas apanhadas posses.” (ROSA, 1994, p. 546)

⁹ Esta expressão foi muito usada por SUSSEKIND ao se referir aos primeiros narradores de prosa de ficção do Brasil nos anos 30 e 40 do séc. passado)



Otávio IANNI (1993, p. 54), abordando o tema da terra dentro de um contexto mais amplo, como fator constituidor da liberdade, traça um detalhado perfil da história da formação da sociedade nacional latino-americana enfatizando que esta é marcada pela história de uma larga luta pela terra. Já no primeiro dia ouviu-se o grito: Terra à vista! Cujas consequências ainda vivenciamos hoje. Em torno desse “terra à vista do descobrimento” consideremos, entre outras respostas, a polaridade: propriedade e exploração da terra. Se esta última é descoberta é, em seguida, conquistada.

Nos países da América Latina esse problema sempre envolve índios, mestiços, negros, mulatos e brancos nacionais e imigrantes; e não apenas camponeses, operários, grileiros, latifundiários, fazendeiros, etc. Estão em causa diferentes formas de organização social e técnicas de trabalho, produção e apropriação. A família, a comunidade, a cooperação, a divisão social do trabalho, camponês e o operário mesclam-se todo o tempo na produção para o mercado e para o autoconsumo. (IANNI, 1993, p. 54)

Esta estrutura agrária problemática vem desde a época colonial, compreendendo a escravatura bem como outras formas de trabalho. Constituindo a terra um espaço para as relações interpessoais e coletivas, a posse da mesma define a possibilidade ou não de sua realização. É do espaço concreto da terra que as vivências simbólicas podem se dar e alimentar a memória por meio das tradições nela cultivadas.

Conforme OFFNER e PUMAIN,¹⁰ citado por SANTOS (2003, p. 28):

Le territoire est appropriation: à travers lui, une population définit ce qui, dans l'espace, relève d'un usage légitime, pratique et symbolique. Le territoire est mémoire: il est le marquage temporel de la conscience d'être ensemble; les éléments de sanction de ce temps-mémoire ont une référence matérielle ou factuelle - tel événement, tel personnage, et surtout tel emplacement (ou lieu ou espace) - reconnu par tous. Le territoire est régulation: il n'y a pas d'identité sans règles, implicites ou explicites, imposées ou consenties, modulant les échanges entre soi et avec les autres. À partir d'un même espace peuvent se construire des territoires multiples, disjoints ou seuperposés, conflictuels ou non, les uns par rapport aux

¹⁰ OFFNER, Jean-Marc. *Reseaux sociaux et territoires*. In: OFFNER, J. M.; PUMAIN, D. (orgs). **Reseaux et territoires: significations croisées**. Paris: Éditions de L'aube, 1996, p. 137-171.



autres.¹¹

O nosso interesse em *Uma estória de amor* não pretende realçar essa problemática, apesar de vermos seus sinais na situação indefinida do protagonista (agregado de Frederico Freyre ou proprietário da terra por direitos conquistados?). Porém, tocamos neste ponto como mais um traço sinalizador do motivo da nossa reflexão sobre esta estória, ou seja, o desejo de fundar, de habitar e todos os elementos poético-filosóficos como aspectos formadores de uma identidade que envolvem e enobrecem este desejo, como a fé, os relacionamentos, o trabalho, o amor pela terra, o resguardo da quadratura heideggeriana.

Manuelzão constrói baseado na confiança em si mesmo, na terra e no dono da terra. Ele se regia pelo trabalho, pela “lei de seu bom sentir” (ROSA, 1994, p. 557). O sertão, para ele, como para Riobaldo e os outros personagens rosianos, é, também, o lugar da indagação. Constituindo sua única referência espacial, é somente a partir deste micro-macro espaço chamado sertão que ele podia se perguntar: Quem sou? O que me pertence? Como habitar esta terra? Embora repleto de dúvidas e temores, Manuelzão encontrou respostas na medida em que construiu a Casa, a Capela, o Curral: “E prosperava – ‘Nós já espichemos por aí uns duzentos, trezentos rolos de arame...’ “Mas havia de redondear aquilo, fazenda grande confirmada. Cerca de arame de três fios; e levavam gado. Com a banda da sorte. Sorte: a Capelinha e esta Festa davam a melhor prova!” (ROSA, 1994, p. 557)

Heidegger desdobra o sentido de habitar, dando ao construir duas acepções distintas: construir, entendido como cultivo e o crescimento, e construir no sentido de edificar construções. Neste sentido, ele cumpre o ideal de habitar, porque cultiva e edifica em proporções equilibradas.

Em *Uma estória de amor*, uma vez mais, refazemos o caminho da dialética

¹¹ O território é apropriação. Através dele uma população define o que, no espaço, depende de um uso legítimo, prático e simbólico. O território é memória, ele é um marco temporal da consciência de se estar em conjunto. Os elementos de sansão deste tempo-memória têm uma referência material ou factual - tal acontecimento, tal personagem e, sobretudo, tal localização (ou lugar ou espaço) - reconhecido por todos. O território é regulação: não há identidade sem regras, implícitas ou explícitas, impostas ou consentidas, modulando as trocas entre si e com os outros. A partir de um mesmo espaço podem se construir territórios múltiplos, disjuntos ou superpostos, conflituais ou não, de uns em relação aos outros.



que a obra rosiana traçou. O tema da identidade, ligado a uma apreciação poético-filosófica do espaço revela que, afinal, é a essa dialética que precisamos sobreviver.

CONCLUSÃO

Os velhos, na antiga filosofia de vida africana, eram considerados os guardiões da memória, os contadores de histórias que passavam aos mais jovens os conhecimentos ancestrais.

Na novela analisada, as situações que antecedem a missa e a festa são uma oportunidade de visualizarmos de forma global o contexto em que o protagonista foi construído, bem como tomar contato com todos os aspectos constituidores de sua identidade. Dessa forma temos, aliado a um personagem central, lampejos de outros que o revelam, porque Manuelzão é parte de um espaço e de um contingente de pessoas que lhe dão feição e notoriedade. Os mecanismos de configuração do protagonista passam, paralelamente à narração da história, pela configuração de todas as nuances que constituem os outros personagens, o que nos leva a pensar uma vez mais que, nos procedimentos literários de Guimarães Rosa está sempre presente o processo de inclusão. Na celebração que é a sua narrativa, todos são chamados a participar.

Uma história de amor nos leva também à terceira margem da vida, porque apresenta o tempo do envelhecer, momento privilegiado em que se pode redescobrir o sentimento poético muitas vezes anulado pela vida do trabalho. Manuelzão é convidado a viver este momento e, não obstante esteja conectado com as suas funções, entrega-se, a seu modo, às amenidades propiciadas pela festa. Nestes instantes da vida, abre-se um espaço inédito em que é possível apenas ser.

A Festa de Manuelzão tem para nós um significado que transcende as próprias instâncias da festa em si. Porque, trazendo para a leitura desta narrativa a visão celebrativa do seu autor, entendemos que este texto representa uma espécie de trégua ao homem em sua lida diária. Chamado ao diálogo com várias vozes que participam da festa, o protagonista pode viver o instante da epifania, pois nesta narrativa ele não é mais agregado, mas agrega para si a presença de todos. Deste modo, observamos que é fundado também um novo ciclo de vida para o



protagonista e os seus convidados. Trata-se de uma narrativa que se ressignifica na inclusão e na celebração. O binarismo, responsável pela oposição normal/anormal, excludente e discriminatório é relativizado em *Uma estória de amor*, como em toda a obra do autor, o que viabiliza outras possibilidades de seres humanos, chamados a conviver no misterioso e insólito espaço da expansividade.

A velhice parece estar preservada. E se há tensões entre o passado e o presente, estas são reelaboradas pela voz do narrador. Também estão preservados os ritos e os mitos no encontro das gerações, reiterados pelos trabalhos da memória e pelas narrativas contadas. A interação social entre as pessoas traz à tona o saber coletivo, representado na oralidade de Joana Xaviel e na estória contada por seu Camilo. Assim, estão salvaguardadas, sobretudo, as identidades pessoais e do coletivo, bem como a do próprio lugar.

O sertão de Guimarães Rosa, vale reiterar, não é um lugar simplesmente geográfico, mas um espaço de confluências universais, em que o que diz respeito à vida de um homem, o dirá também à de outros, de outras regiões.

Manuelzão é grande porque é muitos, porque em sua memória concentra-se a de outros, e porque, na fecundidade de sua velhice que se inaugura há uma velhice ontológica, que não é só a dele, ainda que o represente.

Uma novela com a riqueza de *Uma estória de amor* evoca o desejo de muitos outros olhares. Impressionantemente a simplicidade da vida do sertanejo traz mais uma vez, nesta narrativa, um complexo de sentimentos, conflitos e temas que poderão ser lidos por outras óticas, e contextualizados dentro do labirinto chamado América Latina.

REFERENCIAL TEÓRICO

BACHELARD, G. A poética do espaço. São Paulo: Martins Fontes, 1988. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

HEIDEGGER, M. Ensaios e conferências. 2ª ed. Petrópolis: Vozes, 2002.

IANNI, O. O labirinto latino americano. 2ª ed. Petrópolis: Vozes, 1993.

ROSA, J. G. Ficção completa. 1ª ed. Rio de Janeiro: Nova Aguillar, 1994.



SAGUIER, R. B. Encontro de culturas. In: America Latina em sua literatura. São Paulo: Perspectiva, 1979, p. 3-24.

UNESCO. América Latina em sua literatura. São Paulo: Perspectiva, 1979.

